A condição de imigrante retida no leste-oeste. Notas sobre a frente do trabalho.[1]

Retraining in the condition of east-west emigration. Notes from the front of work.

Autora: Anna Zawadzka[2]

Tradução: Alcione Nawroski[3]

Revisão: Anna Kłobucka[4]

Resumo: Socióloga polonesa, jardineira e imigrante, Anna Zawadzka explora os laços complicados entre o trabalho e a vida pessoal no capitalismo tardio, entre a Torre de Marfim da academia e as duras condições de se manter na área, tratando de forma crítica a idealização e patologização do trabalho.

Palavras-chave: Imigração; Precarização do Trabalho; Polônia; Alemanha.

Abstract: Polish sociologist, gardener, and immigrant Anna Zawadzka explores the convoluted ties between work and personal life in late capitalism, between the ivory tower of academia and the harsh conditions of groundskeeping, by critically focusing on the idealization and pathologization of labour.

Keywords: Immigration; Precarious Work; Poland; Germany.

Introdução

> Você sabe que há milhões de pobres almas na rua, procurando por um banheiro ou alguém que os deixe usar? Kurt Vonnegut (1990, p.197)

[1] Texto publicado na revista eletrônica do Leste Europeu Kajet Journal sediada em Bucareste/Romênia. A publicação desta tradução na Revista Aedos foi expressamente autorizada pela autora do texto. A submissão da tradução foi realizada por Alcione Nawroski e foi aprovada para publicação pelos propositores e organizadores do Dossiê "Migrações: identidades, culturas e trajetórias", Rodrigo Luis dos Santos (PPGH/Unisinos) e Rhuan Targino Zaleski Trindade (PPGH/UFPR).

[2] Auxiliar de jardinagem em Berlim e socióloga. Em Varsóvia, trabalha na Academia Polonesa de Ciências (PAN), no Instituto de Estudos Eslavos. Sua pesquisa atual se concentra na correlação do antissemitismo e anticomunismo dentro da estrutura política na história da Polônia.

[3] Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Nos anos de 2018/2019 realizou pós-doutorado na Universidade de Varsóvia (PL) pelo Programa Capes/Brasil.

[4] Professora de Português e Estudos de Gênero na Universidade de Massachusetts em Dartmouth (EUA).

Este é o primeiro texto diferente de um e-mail ou mensagem de texto que escrevo há mais de dois anos. Nos últimos dois anos, não tive energia para fazer nada mais, além de cuidar das minhas necessidades básicas: comida, dormir, me aquecer, cuidar da minha higiene, descansar e pagar as contas. Nos últimos dois anos, fui uma trabalhadora braçal.

Durante todo esse tempo, também fui, e ainda sou, uma imigrante. Uma imigrante privilegiada, que se mudou para a União Europeia, com passaporte da União Europeia. Ainda assim, uma imigrante e não uma expatriada: em primeiro lugar, emigrei por razões financeiras e políticas, não estava em busca do emprego perfeito, do autoaperfeiçoamento, mas de novas experiências de vida, ou até pela simples curiosidade. Em segundo lugar, emigrei da Polônia para a Alemanha, portanto, de um país do Leste Europeu para o chamado Ocidente. Ambos os termos são carregados de significados. Saí de um país pobre, onde sobra mão de obra barata e frustrada economicamente, para um país rico, que ainda recebe imigrantes para fazer os trabalhos mais mal pagos e menos desejados. Minha mudança foi entre dois países que compartilham uma longa tradição de imigração, embora no sentido unidirecional e, até recentemente, ilegal. Finalmente, atravessei a antiga fronteira da Guerra Fria, que ainda hoje mantém uma linha imaginária bastante demarcada. Agora, eu sou de lá. De um dos países do Leste Selvagem, onde as pessoas não se preocupam com a higiene pessoal, onde gostam de dar gargalhadas mostrando os buracos escancarados entre os dentes amarelos, que bebem vodca em vez de café, que roubam ao invés de trabalhar, que não tem bom gosto sobre moda e a decoração das casas, que estão mergulhados na corrupção e anseiam por um governo duro, porque não sabem lidar com a possibilidade de liberdade que o Ocidente lhes concedeu. Eu sou uma *Homo Sovieticus* (TISCHNER, 1992). O termo *Homo Sovieticus* refere-se à incapacidade das sociedades do antigo bloco oriental viver sob regimes capitalistas devido ao desamparo dos seus cidadãos, presos ao passado e, portanto, incapazes de se livrar das falhas ocorridas durante o socialismo.

I. Emigração Interna

Eu vinha refletindo sobre a ideia de deixar a Polônia há alguns anos, onde eu já era uma emigrante interna. Na Polônia, eu era socióloga. Primeiro uma estudante de doutorado, monitora, secretária, depois virei doutora e professora assistente. Em comparação com a maioria dos meus colegas que estavam condenados a viver nas profundezas do precariado, eu me encontrava em uma situação invejavelmente confortável: tinha um emprego de tempo integral em uma instituição pública de ensino. Mesmo assim, sempre me senti deslocada na Academia, porque nunca tive suficientemente à minha disposição, o capital cultural e social, onde se tem o hábito de pendurar títulos nas paredes. Meu *habitus* foi moldado por minha família ascendente de intelectuais técnicos, que entendiam que "os livros são importantes", mas não sabiam ao certo quais eram exatamente os bons livros. Na minha família, os únicos conhecimentos que contavam eram os da escola, porque não havia ninguém mais por perto que pudesse passá-los com mais autoridade que o professor. A escola era uma questão de vida ou morte para mim, e ainda hoje sofro da "síndrome de boa aluna". Como todos sabemos, os bons alunos não têm facilidade, coragem, atrevimento e talento - tudo aquilo que é necessário para abrir caminho no mundo acadêmico, isto é, se você aspira algo maior do que uma posição de monitora ou assistente. Eu não sei como despertar interesse e encantamento para que eu seja convidada por uma equipe de pesquisa ou receba um emprego de meio período com uma bolsa integral. As únicas coisas que sei são: consciência, respeito aos prazos, pontualidade, diligência e responsabilidade. Se for fazer a resenha de um livro, farei anotações escrevendo mais páginas do que o próprio livro. Eu sou uma chata útil: alguém em quem se pode confiar, mas nunca alguém que pudesse ser chamado de *"cool".* Tenho medo de perder meu emprego, porque não poderia arcas com as minhas questões financeiras. Esse medo transparece em meu comportamento, postura, pequenos-gestos. Vejo meus colegas que se esquivam escancaradamente

das suas responsabilidades e não tem problema algum de fazer isso. Ao contrário: eles simplesmente não aceitam as ordens, porque é claro que não vão cumpri-la. Mas, eu não me permito assumir tal comportamento.

E assim, apesar do meu específico avanço profissional, minha posição social continuava se reproduzindo: tinha muitas funções e um salário mesquinho. A remuneração que recebia como professora assistente dificilmente cobria o aluguel de um apartamento de um quarto em Varsóvia. Eu precisava encontrar trabalhos de *freelancer* para sobreviver. Eu sentia um medo permanente de que um dia os free acabassem e eu não conseguiria alcançar o final do mês. Eu também estava ficando cada vez mais frustrada com o fato de, com quase 40 anos, ainda ter que calcular desesperadamente se teria ou não dinheiro para ir ao cinema. Estava exausta com o medo da incerteza do futuro, mas também pela alienação exacerbada dos meios de comunicação, que anunciavam triunfantemente que não há crise econômica na Polônia e que o PIB está em constante ascensão[5]. O PIB polonês está crescendo porque os custos trabalhistas - que na Alemanha são arcados pelo Estado - são repassados aos empregados. Na Polônia, as pessoas trabalham muito e pesado por pequenas ascensões, sem seguro e sem leis para protegê-las, mas isso não aparece nas estatísticas. Aqui está um exemplo: no meu trabalho de meio período como assistente de jardinagem em Varsóvia, eu ganhava 10 PLN por hora (2,3 euros); o empregador não pagava nenhum seguro, e eu só tinha um contrato de mandato, (contrato de boca), e não um contrato de trabalho, por PLN 300 (71 euros), para que o proprietário da empresa não precisasse pagar altos impostos. O resto do meu salário era pago a mim "por debaixo dos panos". Em Berlim, eu ganho 8,5 euros líquidos por hora, o empregador paga meu seguro-saúde, aposentadoria e seguro-desemprego. Este último está me sustentando agora. Não é uma vida luxuosa, mas

[5] Nos anos de 2009-2014, os representantes do Governo polonês liderado pelo então primeiro-ministro Donald Tusk (PO - Partido da Plataforma Cívica), que mais tarde foi eleito presidente do Conselho Europeu, afirmou repetidamente que a Polônia é uma "ilha verde" no mapa da anterior crise econômica ("Tusk na zarzuty PiS: Polska była i jest zieloną wyspą", 2010; pw., 2012). ["Tusk Counters PIS Accusations: Poland Was and Still Is a Green Island", 2010; 2012).

ainda é mais confortável do que aquela que eu poderia viver com meu salário de tempo integral como professora universitária em Varsóvia. Graças a este seguro, agora posso sentar aqui e escrever este texto, em vez de estar procurando freneticamente por um novo emprego.

No entanto, não tomei a decisão de emigrar até que Andrzej Duda, o presidente da Polônia, assinou uma lei que previa uma multa ou pena de prisão por falar publicamente sobre a participação dos poloneses no Holocausto[6]. Pode-se dizer que isso me afetou como pesquisadora do antissemitismo polonês. Na verdade? Como pesquisadora, há alguns anos tenho tido dificuldades sérias com meus colegas em posição superior na Academia, com as opiniões dominantes no nosso meio, com a obtenção de fundos para pesquisas, com a publicação de artigos, ou com a identificação de parceiros de diálogo que não me chamem de "Guarda Vermelha"- porque eu não concordo com o consenso anticomunista, dogmaticamente sustentado por todo o escalão acadêmico, político e ativista na Polônia (ZAWADZKA, 2009). Todo o escalão, sem exceções[7]. Como pesquisadora do antissemitismo, concentrei-me na desconstrução do estereótipo "Judaíco-Bolchevismo", o qual não pode ser pesquisado sem desafiar a história, as funções e os efeitos geopolíticos da

[6] Esta foi a emenda da Lei sobre o Instituto da Memória Nacional, aprovada em 26 de janeiro de 2018, um dia antes do 73º aniversário da libertação do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau e das celebrações do Dia Internacional da Memória do Holocausto. A emenda introduziu o Artigo 55a, que adverte: "Quem alegar, publicamente e ao contrário dos fatos, que a Nação Polonesa ou a República da Polônia é responsável ou corresponsável pelos crimes nazistas cometidos pelo Terceiro Reich ... será penalizado com uma multa ou prisão de até 3 anos". Após acaloradas discussões, preocupando-se, entre outros assuntos, com a questão de a quem caberia avaliar se tal alegação teria ocorrido "ao contrário dos fatos", as instituições científicas e artísticas foram excluídas desta penalização. A lei entrou em vigor em 1 de março de 2018. O seu projeto já circulava no Parlamento há dois anos. A primeira leitura foi realizada em 16 de outubro de 2016. Em 27 de junho de 2018, o Sejm (Parlamento Polonês), revogou a alteração, provavelmente como resultado da pressão do Governo dos Estados Unidos (Sommer, Sławiński & Zubel, 2018; jp, now., 2018; ph., 2018).

[7] Uma ilustração adequada de quão canônico é o paradigma anticomunista na Polônia é o partido *Razem* (Juntos), considerado de extrema esquerda pela mídia centro-liberal. O partido está constantemente entrando com ações judiciais contra seus oponentes políticos que se referem a ele como comunista. Em 2017, um membro do partido, Łukasz Moll, publicou um texto no qual se referia a si mesmo como um "comunizante". O partido reagiu imediatamente removendo-o de suas fileiras e condenando-o publicamente.

ideologia anticomunista, bem como sem a análise crítica do discurso anticomunista repleto de clichês antissemitas. Enfim, a assinatura de Andrzej Duda sancionando a lei mencionada poderia me prejudicar? Profissionalmente, provavelmente não. Mas essa lei foi um passo longe demais na perspectiva informada pela minha identidade judaica.

Não existe muito desse judaísmo. Se é que existe, ele é enfaticamente secular, construído sobre tentativas de entender a agressão, a megalomania, o catastrofismo e os complexos do meu pai que viveu durante o Holocausto quando criança; sobre meu interesse nos judeus revolucionários; sobre as lembranças do antissemitismo violento perpetuado contra os membros da minha família e da sua Shoah. É precisamente isso que o presidente do país do qual sou nominalmente cidadã me proíbe de comentar. Ficar ali seria engolir muita humilhação.

II. Emigração Externa

Primeiro me candidatei a uma bolsa na Alemanha. O formulário era extenso. Levei mais de seis meses para prepará-lo. Não ganhei a bolsa. Então, recuei para meu plano B: encontrar qualquer emprego e depois pensar nas próximas etapas. Tirei uma folga do meu trabalho polonês e fui passar 10 dias na Alemanha para procurar algo que eu já tivesse experiência depois de ter feito alguns *freelances* na Polônia. Em dez dias, visitei cerca de uma dúzia de empresas de paisagismo, viveiros, lojas verdes, plantações de mudas. Eu me sentia uma idiota, pois sabia que deveria ter enviado minha candidatura por e-mail ou por meio das páginas na internet. Mas as páginas da internet me levavam para as agências de emprego, e é impossível me cadastrar em alguma delas sem ter um local de residência registrado na Alemanha. Decidi que não me mudaria até encontrar um emprego primeiro, porque minhas economias acabariam em dois meses. Então, fiz a busca por emprego de uma forma um pouco antiquada. Eu fui de porta em porta. Hoje sei que isso só poderia funcionar na Alemanha, pois comparado com o resto da Europa, este país é ainda bastante

"analógico". E funcionou: consegui um emprego como assistente de jardinagem em uma empresa privada de paisagismo que contratou 33 funcionários.

Eles eram em sua maioria homens. Jardinagem e paisagismo são profissões muito masculinas. Além de mim, havia outras três funcionárias e duas aprendizes na empresa. No entanto, a medida em que na Polônia eu seria capaz de reconhecer quais comportamentos e atitudes comigo eram motivados pelo meu gênero, aqui era muito mais complicado. Fatores de gênero coincidiam com os de classe, raça e imigração, bem como com a hierarquia oficial implícita na empresa. Não era fácil saber o que é o quê.

Conhecer a história da classe trabalhadora, discutir nos corredores universitários se existe ou não uma cultura específica dessa classe, pouco tem a ver com decifrar na prática do dia-a-dia os códigos de comunicação empregados pelos seus colegas e tentar não passar vergonha na frente deles. Devo insistir em devolver os 2 euros que um colega gastou ao comprar um chá para mim em uma loja de conveniência? Esse colega me ajudou a carregar um cortador de grama no trailer por que sou mulher, por que ele gosta de mim ou por que é regra ajudar os outros a mover objetos pesados? Eles estão constantemente me relegando à remoção das ervas daninhas por que relutam em fazer qualquer trabalho de joelhos, que é visto como "pouco masculino"; porque sou nova e posso fazer as tarefas das quais ninguém gosta; ou eles estão apenas preocupados que eu não trabalhe com máquinas pesadas? Talvez alguns dos comportamentos que eu diagnostico como hostis neste ambiente sejam percebidos como neutros, ou na pior das hipóteses como algo que tem que ser tomado para crescer, me tornar "casca grossa" e ninguém os vê isso como ruim, nem os que se comportam assim nem os que recebem o comportamento.

Ser imigrante é uma característica difícil de separar das outras variáveis. O que é muito comum na Alemanha, embora não fosse comum na Polônia? O que resulta do preconceito chauvinista e o que é apenas uma manifestação da cor local, já que a cidade em que eu moro agora é famosa em toda a Alemanha por seus moradores petulantes, mal-humorados e rudes? Uma cliente pediu ao meu patrão

que não me mandasse para trabalhar no seu jardim, argumentando que "esta polaca é preguiçosa e só consegue fazer tarefas simples". Será que ela faz isso porque se sente pouco à vontade com uma mulher que trabalha numa profissão tradicionalmente masculina, ou ela nutre algum sentimento anti-imigrante? Os problemas constantes e as brigas cada vez mais sérias com meus colegas atribuídas à minha falta de conhecimento do alemão - inclusive por colegas que falam inglês fluentemente – será isso uma tentativa forçada de me motivar a aprender o idioma ou um sinal do seu preconceito contra os imigrantes? Um dia, fui "punida" por uma divergência de opinião com um colega da gerência, que mudou do seu inglês fluente para alemão, fingindo não me entender quando tentei acalmá-lo. Quando contei isso aos meus amigos alemães, furiosos, eles concluíram: "que babaca racista". Isso me surpreendeu, porque sou unanimemente reconhecida como branca e gozo de todos os privilégios que esta percepção traz (BRODKIN, 1998). Mas então lembrei que um dos comportamentos antissemitas mais populares na Polônia antes da guerra era zombar da língua judaica, ao mesmo tempo em que se acusava os judeus de falar polonês tão mal que não era possível entendê-los (RUDNICKI, 2008). Oficiais e comerciantes poloneses frequentemente recusavam-se a prestar serviços aos judeus, alegando que eles não conseguiam entendê-los. Será que esta colega fez isso comigo porque, como mão-de-obra barata da Polônia, sou a razão pela qual, segundo ele, os seus proventos na Alemanha estão agora mais baixos?

Gênero, classe, emigração racial ('Ossi' – cidadão da antiga Alemanha Oriental), ser uma novata, ultrajada pelas diferenças polono-germânicas na cultura de trabalho, formas de comunicação, construção das relações interpessoais, das negociações de cargos – eu ficava perdida com tudo isso. Eu não sei dizer o que é o quê. Essa confusão é, por si só, um fardo tremendo. Ela exige um controle emocional e intelectual a mais, porque a maneira de lidar com tudo isso é tentar desenrolar todas essas nuances. A razão pela qual eu tento lidar com isso é pelo menos recuperar parcialmente o controle sobre minha própria vida em face de uma mudança radical gerada pela imigração. Mas essa situação tem consequências bizarras. Eu não falo

alemão, então não consigo captar certas nuances. A comunicação comigo é necessariamente simplificada. As pessoas têm que falar claro e alto, ou então eu não vou entender. As pessoas usam frases simples quando se dirigem a mim. Frases que nunca seriam ditas a outrem, porque revelam com muita clareza as regras não escritas, as coisas óbvias que são reforçadas por não terem que ser expressas explicitamente, as doxas do ambiente. Este é um bônus inesperado na minha confusão gerada pelos novos contextos. Um dia estávamos trabalhando num calor insuportável. Estamos bebendo litros de água, mas antes de podermos urinar, tudo evapora com o suor. Quando pergunto a um colega se ele acha que há uma chance de terminar mais cedo, ele primeiro fica em silêncio por um tempo, e então diz baixinho em uma mistura de alemão e inglês: "Nunca sabemos a que horas terminaremos. Depende de Robert [o gerente de turno]. Mas Robert é bom, ele geralmente não nos faz ficar mais tempo." Eu pergunto: "Não podemos perguntar a ele?" "Ele não vai responder", diz meu colega. "Ser gerente é isso. Fazer os outros esperarem." Ele diz isso sem ironia ou raiva. Ele ficou apenas surpreso por ter que explicar isso pra mim.

III. O privilégio da ignorância

É como expressam os livros inteligentes: só reconheci meus privilégios quando os perdi. Privilégios como ir trabalhar com as roupas que você gosta e nas quais goste de si mesma; poder usar sapatos leves e fazer chá no trabalho; ficar em salas quentes, secas e agradáveis; disponibilidade de cadeiras, mesas e banheiros; poder fazer compras, ir ao correio ou ligar para um encanador fora do horário de pico; usar o transporte da cidade nos horários em que é possível encontrar um assento. Mas, acima de tudo, tempo. Tempo em que você tem energia para fazer qualquer coisa além de olhar para a TV e lutar contra o sono.

Quando as pessoas ouvem a palavra "jardineira", geralmente reagem com entusiasmo: "esse é o emprego dos meus sonhos!", "É ótimo você poder passar tanto

tempo ao ar livre!", "Eu adoraria, pois estou farto de sentar na frente do computador", "Provavelmente você nunca ficará doente!" Tenho certeza de que, depois de um único dia de trabalho como jardineiro - um dia, nem uma semana ou um mês -, eles nunca mais repetiriam essas bobagens. Provavelmente dizem isso porque a palavra "jardineira" invoca a imagem de uma mulher, vestida com uma blusa leve e um chapéu de palha, que passeia em seu roseiral, podando as flores para formar um buquê com um leve sorriso no rosto[8]. Na verdade, uma vez a cada três meses eu ia trabalhar num jardim de rosas. Eram rosas pequenas, então eu trabalhava em uma posição curvada por 8 horas. Já depois de duas horas, era difícil endireitar minhas costas. As rosas cresciam juntas, então precisava me sentar entre os arbustos e isso significava espinhos nos joelhos, panturrilhas e bumbum. Meu trabalho normalmente era capinar, o que significa que eu tinha que ir até as raízes. Depois, eu saia do jardim de rosas com marcas de arranhões sangrando. Eu parecia ter sido atacado por uma matilha de gatos selvagens. A alternativa era usar um macacão de jardinagem grosso, que no final da primavera, no verão ou no início do outono equivale a sofrer uma insolação dentro de vinte minutos, porque os jardins de rosas costumam ser plantados em locais ensolarados.

Pessoas sem experiência de trabalho físico reagem com muita ingenuidade a essa noção, pois provavelmente presumem que é algo como ir à academia: você cansa e sua, mas depois toma banho, troca de roupa, pega alguma coisa para comer e fica maravilhosamente bem. Esquecem que quase ninguém vai à academia todos os dias e, mesmo assim, um treino dura uma hora, talvez duas. Se você está de ressaca; ou está no seu período menstrual; não teve um boa noite de sono; ou prefere fazer outra coisa para se divertir, você pula a academia e é isso. Mas aqui é trabalho. Você não pode pular, ou você vai perder o emprego. Você não pode voltar para casa ou se sentar em um café quando estiver cansada. Você tem direito a dois intervalos de meia hora ao longo das 8 horas, independentemente se o trabalho do dia consistir

[8] Ver, por exemplo, Meryl Streep no filme de 2009, *Simplesmente complicado*.

em carregar sacolas cheias de folhas secas para cima e para baixo pelas escadas ou empurrar carrinhos de mão com composto úmido; quer você tenha plantado 100 mudas de gerânio ou quebrado uma fundação velha com uma picareta para dar espaço a uma plantação de gerânios.

Quando você acorda de manhã, todo o seu corpo está doído. Não apenas às vezes, não apenas no início da manhã. Todos os dias. Um dos mitos nocivos sobre o trabalho manual é que com o tempo você se acostuma com o esforço físico constante, deixando de sentir dor e cansaço. Sim, você se acostuma, na verdade se acostuma com as dores e o cansaço. Você preenche as longas horas de trabalho fazendo planos para a noite. Em geral, esses planos envolvem comida, porque seu apetite é insaciável, mas também porque você precisa de quantidade adequada de minerais e calorias para manter seu corpo durante o dia. Portanto, você procura encontrar um tempo para fazer compras e para que possa preparar uma refeição saudável. Depois do jantar, você pensa, vou descansar um pouco e depois ir ao cinema, vou limpar a varanda, vou na IKEA, visitar uma exposição, limpar a geladeira. Mas depois do trabalho, em primeiro lugar, você fica muito suja. Tão suja que os outros passageiros se afastam discretamente de você. Frequentemente você está tão suada que cheira mal. Frequentemente, seus sapatos e roupas estão molhados, porque mesmo as melhores roupas de trabalho não resistem as intempéries do clima. Você está com fome e cansada, às vezes com muito frio, então você fica particularmente irritada com uma longa fila no supermercado, um engarrafamento em que seu ônibus está preso, ou por conta de um passageiro bêbado que está próximo de você. Quando você finalmente chega em casa, o que pode levar mais de uma hora em uma cidade grande, uma hora que seu empregador não paga, quando você finalmente toma o banho que tanto sonhou, cozinha algo e come, já é início da noite. Seu estômago está cheio, seus joelhos estão fracos e seu rosto está vermelho. Você pode juntar alguma energia para assistir alguns episódios de um programa e é isso. Às vezes você tem que cuidar de alguma coisa: uma visita ao dentista, pequenos reparos domésticos. É preciso um esforço sobre-humano para se mobilizar para isso.

Francamente, até mesmo um encontro no skype com sua melhor amiga, que você esperou com impaciência, parece nada além de esforço neste momento. Você quer cancelar tudo. Você costuma fazer isso. Você quer tirar uma soneca. Este cochilo vai durar até a manhã seguinte ou, se por causa dele você for para a cama muito tarde, amanhã de manhã você estará exausta e perderá suas energias no trabalho duas vezes mais rápido.

No início, pensava que estava mais cansada que os meus colegas do sexo masculino, porque eles já estavam acostumados ao trabalho físico. Mas com o tempo percebi que essa diferença de cansaço é consequência de gênero. Aqueles que pensam que a maior resiliência dos homens é a razão estão errados. Pelo contrário. Meus colegas homens chegavam para trabalhar revigorados porque antes e depois eles estavam sendo atendidos. Eram cuidados por suas mães, esposas, filhas e amigas que prestavam serviços domésticos, cuidados pessoais e apoio emocional. Em casa, eles tinham geladeiras cheias, jantares prontos, roupa de cama lavada, plantas regadas, prateleiras limpas e ouvidos simpáticos para serem escutados. Eu corria contra o relógio todos os dias para encontrar tempo para todas essas coisas. Suas famílias otimizavam o tempo para eles. Ao mesmo tempo, eu não tinha o tempo suficiente. Os homens que conheci no trabalho, geralmente proprietários das propriedades onde trabalhávamos, muitas vezes me perguntavam onde estava meu marido. Não perguntavam se eu *tinha* marido, mas onde será que ele se encontrava. Sempre que eu dizia que não era casada, eles ficavam chocados. "Marido dá muito trabalho" - sempre quis dizer isso. Mas eu mordia minha língua para não falar isso, porque eles eram beneficiários do trabalho a que eu me estava referindo. "É chato sem marido", argumentavam. Eu não me sentia entediada. Eu não queria nenhum trabalho extra em casa. Eu não queria ser empregada de ninguém. Já bastava que eu tivesse que trabalhar para os clientes e me esquivava de fazer trabalhos adicionais para meus colegas. Porque meus colegas de trabalho esperavam que eu me preocupasse com o humor deles, perguntasse sobre seus assuntos, acalmasse-os nos dias ruins e os consolasse após os fracassos. Acima de tudo, eles esperavam que eu

ouvisse com paciência e atenção. Embora eu tivesse um emprego "masculino", mas o pacote padrão de expectativas das mulheres ainda me estava sendo entregue.

IV. O sono como força maior, dormir é um privilégio.

Tenho plena consciência de que o horário do trabalho flexível abre caminho para muitas formas de exploração. Trabalhei nesse sistema durante anos, reclamando do meu trabalho que nunca terminava e nunca começava, que recebia e-mails de trabalho às 20 horas e que tinha medo de não atender um telefonema do meu chefe, embora fosse sábado. Mas poder planejar meus próprios dias, semanas e férias também era um grande privilégio. Não poder negociar o seu horário de trabalho significa que não sobra tempo para mais nada e que você não é mais o dono da sua própria vida. Lembro do ritmo da minha vida quando trabalhava na universidade: passava muitas horas por dia na biblioteca, mas podia entrar e sair a hora que quisesse, ir na minha feira ao ar livre favorita na hora que eu bem entendesse, marcar uma visita ao médico ou ir para a ioga, ou ao cinema. Eu poderia trabalhar no domingo e tirar a segunda de folga. Eu poderia mudar meus planos de forma flexível se não me sentisse bem, por exemplo. Administrava meu dia-a-dia sem pressa, de acordo com as minhas necessidades, evitando filas, multidões e estresse. Também me permitia economizar dinheiro. Tinha tempo e energia para ir a uma loja duas ruas mais distante só porque vendia azeite de oliva mais barato ou um pão mais gostoso. Diante do esgotamento pelo trabalho físico, das 8 horas obrigatórias e de ficar presa no trânsito na hora do rush, tudo isso agora parecia um paraíso perdido.

Esse paraíso perdido não era o trabalho da academia em si, mas as condições que o acompanhavam: paz, sossego, espaço na minha cabeça, o ritmo marcado pelo relógio do arquivo ou da biblioteca. Sem eles, é impossível ler artigos, escrever, preparar material para conferências, participar de seminários. A luta contra a exaustão, a sonolência, os músculos doloridos e o tempo necessário para cuidar de questões cotidianas estão em conflito com as reflexões acadêmicas. Tinha sido meu plano

passar noites e fins de semana trabalhando em meu projeto de pesquisa que fiz antes de emigrar, com vistas a uma bolsa de estudos na Alemanha. Eu desisti desse plano depois do primeiro mês de trabalho na jardinagem. O mesmo aconteceu com meu plano de fazer aulas de ioga ou de fazer passeios para conhecer minha cidade nova. O trabalho físico me forçou a adotar um novo estilo de vida, novos hábitos e novos prazeres.

Graças ao esforço físico no trabalho, eu dormia muito bem. Dormia muito, dormia em qualquer condição, sem me incomodar com barulho ou luz. Adorava dormir. Esperava o sono como alguém que espera pelo seu doce favorito. Além do sono, o novo trabalho também regulou meus movimentos intestinais. As constantes constipações causadas por um estilo de vida sedentário eram agora uma memória distante. O mesmo aconteceu com a indigestão depois de comer muito tarde, muito rápido ou demasiado com o estômago vazio. Agora eu tinha um apetite saudável e digeria tudo. No entanto, as coisas não eram tão boas quando eu precisava fazer xixi. Na verdade, fazer xixi é um pesadelo para as paisagistas. Por trabalharmos em um lugar diferente a cada dia, sempre temos que procurar novos banheiros. Alguns clientes nos permitem usar o deles, mas nem todos. Alguns reclamam que vamos trazer terra para dentro de casa. Outros se recusam a nos deixar entrar. Às vezes, quando trabalhamos em parques, jardins públicos ou em torno de piscinas fechadas na temporada, simplesmente não há banheiros ou alguém com uma chave por perto. No dia a dia da jardinagem, significa fazer xixi na mata e se os arbustos não forem grandes o suficiente, é preciso visitar os cafés mais próximos e comprar o chá mais barato para poder usar o banheiro, porque os banheiros são "só para clientes". Trabalhar na jardinagem também significa ter que usar os banheiros-químicos montados para os trabalhadores da construção civil, presentes frequentemente nos canteiros de obras. Esses banheiros costumavam ser zonas evitadas para mim, principalmente por causa do fedor horrível. Mas no meu trabalho de jardinagem, eles acabaram sendo uma bênção. Os operários da construção nunca disseram que eu não poderia usá-los. Muitas vezes, quando questionados, eles me avisavam com

vergonha de que "está sujo". Eu não acho que eles falariam isso se eu fosse um homem. Ao todo, passados os primeiros seis meses, tive a sensação de ter feito xixi em toda a cidade, como um cão que marca o seu território. Assim, o lema deste texto deve ser entendido literalmente. A disponibilidade de banheiro ainda é um privilégio.

Entretanto, não seria honesto se eu dissesse que o trabalho físico apenas me privou dos privilégios. Também me trouxe um: pela primeira vez na minha vida, não me senti uma sanguessuga. Depois de oito horas de trabalho regular, não me sentia culpada por deitar-me no sofá, comer nachos e assistir consecutivamente até o quinto episódio de *Shameless*. Foi assim que o capitalismo que internalizei veio a se revelar: para me dar o direito ao descanso, primeiro tenho que passar pelo trabalho árduo. Essa crença atrapalhou minha vida na Universidade. Isso provocou em mim a paranoia de que os outros certamente estão fazendo mais do que eu, de que não sou produtiva o suficiente, de que o tempo está escorrendo por entre meus dedos. No exterior, o meu trabalho foi ficando cada vez mais quantificável: hoje tenho que varrer folhas de dois jardins, amanhã tenho que tirar uma sebe velha, no dia seguinte tenho que plantar a sebe nova e instalar um rolo de grama. Não sobra tempo para me perguntar se estou atendendo aos requisitos, porque eles estão claramente definidos. Se eu não os atender, mais cedo ou mais tarde eles vão me despedir. Por outro lado, se eu superar as expectativas, meus colegas com mais tempo na empresa vão me culpar por isso, porque tal atitude só gera mais trabalho e não mais dinheiro.

V. Visibilidade e reconhecimento

A principal coisa que o trabalho físico priva é a visibilidade. Em primeiro lugar, isso ocorre no sentido mais literal da palavra. Ele cria outro fuso horário e outro ritmo na cidade. Saio para o trabalho às 6h30. O metrô está cheio de gente como eu, usando uniformes de trabalho, macacões, jaquetas estampadas com nomes de empresas de construção ou segurança, com cafés nas mãos e ferramentas nas mochilas. Neste momento, a classe média ainda não saiu de casa, com exceções de

alguns perdidos que passaram a noite em festa e estão cambaleando para casa. A classe média não está nas lojas de conveniência onde compramos nosso chá ou café, nem nas padarias onde nos sentamos para comer um croissant rápido. São lojas de conveniência baratas, com decorações nada atraentes, que vendem variedades não refinadas de produtos em embalagens nada ecológicas. São lojas de conveniência e padarias onde ninguém desaprova nossas roupas sujas e sanduíches tirados das nossas mochilas. São lojas de conveniência e padarias onde meus colegas não gritam: "O quê? 3,5 euros por uma fatia de pizza?!" São lojas de conveniência e padarias geralmente administradas por imigrantes da Turquia ou do Líbano.

O segundo nível de invisibilidade é o efeito da falta de representação simbólica dos trabalhadores físicos nos produtos culturais do capitalismo. Eu gosto de séries. Logo depois que comecei a trabalhar com jardins, percebi que praticamente todos os programas disponíveis na Netflix, HBO e Amazon Prime apresentam personagens cuja renda e cujos problemas e estilos de vida não têm absolutamente nada a ver com os meus de agora. Se recriássemos um mapa social com base nos textos culturais audiovisuais, 60% da população pertenceria à classe média, 35% à classe alta e os 5% restantes poderiam ser alienígenas do espaço sideral. Da mesma forma, as representações de operários-trabalhadores, mesmo que apenas na camada visual, estão ausentes dos jornais, revistas, e ficção e ensaio contemporâneos. Este último às vezes lida com a precariedade, mas sem transcender o foco na jovem classe média empobrecida, a cujos representantes foi prometido mais do que recebem, e que em vez de ganhar um dinheiro decente como profissionais, trabalham em call centers. Eu sei como é, porque eu estive lá. Estou ciente da frustração gerada pela precariedade. No entanto, afirmar que o precariado substituiu o proletariado no capitalismo moderno é prejudicial (HARDT; NEGRI, 2009), pois empurra o proletariado contemporâneo ainda mais pro fundo das sombras: seus problemas, seus interesses, sua posição estrutural e, acima de tudo, sua própria existência. O critério do trabalho físico brilha com sua ausência nas considerações recentes de sociólogos e economistas da corrente marxista a respeito da definição, status e papel do precariado

na estrutura de classes. Ignorar essa variável leva à negação de diferenças fundamentais nas condições, segurança e custos do trabalho (STANDING, 2011).

Aqui começa o terceiro tipo de invisibilidade: não apenas no universo das elites, mas também nas fileiras da esquerda do nosso tempo. Eu era elegível para votar em candidatos das listas alemãs nas eleições para o Parlamento Europeu de 2018. Visitei as páginas dos partidos de esquerda alemães em busca dos meus possíveis candidatos. Mas nem mesmo o partido *Die Linke* (da mais esquerda), não ofereceu nenhuma seção especial dedicada ao trabalho em seus "tópicos". No entanto, ofereceu uma seção de "políticas feministas". Há algum tempo, provavelmente, eu teria ficado encantada com essa mudança. Agora me entristece que a luta contra uma exploração seja substituída pela luta contra outra, que atualmente está mais 'em voga'.

A invisibilidade sobre a qual escrevo significa, enfim, falta de reconhecimento e agradecimento pelo trabalho que é de grande importância para o funcionamento da cidade e do capitalismo. Desde que comecei o trabalho na jardinagem, penso nisso todos os dias, pois vivendo essa nova dimensão espacial e temporal, comecei a notar trabalhadores que recolhiam lixo, entregavam mantimentos, limpavam ruas e pátios, faziam manutenção dos esgotos e encanamentos públicos, além da renovação de edifícios. Basta imaginar que todos eles fizeram greve de uma semana para mostrar o significado do seu trabalho. Apenas um dia trabalhando com eles, já seria o suficiente para entender o quão difícil é esse trabalho. Pegar apenas um recibo do vencimento seria o suficiente para entender que os salários dos operários são totalmente inadequados ao esforço dispendido e às consequências para sua saúde.

Todos os meus colegas tiveram problemas nos joelhos, de tanto ajoelhar; ou nas costas, por carregar cargas tão pesadas; ou dores de artrite por se sentar no chão molhado ou no concreto frio. Cada um deles em algum momento ficou gravemente ferido, o suficiente para tirar 3 semanas de folga. Um estava esperando por uma cirurgia no quadril e não tinha certeza se ainda poderia realizar qualquer trabalho físico depois. O trabalho físico é prejudicial. No sentido mais literal da palavra. Isso

torna as pessoas deficientes. Isso encurta suas vidas. Talvez seja por isso que a falta de seu reconhecimento me escandaliza tanto. Assim como escreveu Vonnegut (1990, p.18) : "A história do trabalho era uma espécie de pornografia naquela época, mas hoje ainda mais. Nas escolas públicas e nas casas de pessoas de bem, era e continua sendo um tabu contar histórias de sofrimentos e luta dos trabalhadores".

VI. Hierarquias

Entro em pânico quando alguém me pergunta o que eu faço na Alemanha, qual é o meu trabalho. Eu faço malabarismos com as respostas. Às vezes digo que sou paisagista, outras vezes que tenho dois empregos: jardinagem e na universidade. Na verdade, eu realmente não sei quem eu sou. Isso me dá uma sensação de liberdade deslumbrada, que às vezes se transforma em uma busca frenética por algo em que me agarrar. Sou constantemente perseguida pela questão de saber se existe algo além do status social que me faz agarrar-me ao fio que me conecta com a universidade; um exemplo disso é este artigo. Eu não sei a resposta. Eu sei, no entanto, quando me agarro a esse fio, embora tenha vergonha de admitir. Acontece sempre que me sinto humilhada: quando sou maltratada por um funcionário, quando um colega do trabalho é arrogante comigo, quando um funcionário da linha de apoio desliga na minha cara porque não falo alemão fluentemente. Em momentos como este, procuro automaticamente qualquer coisa em meus recursos de identidade que possa me apegar. Minha salvação nesses momentos é minha identificação de socióloga, meu doutorado, meu trabalho para uma revista acadêmica[9]. Estas são as pílulas que acalmam a minha identidade.

[9] Faço parte da equipe de edição da revista Studia Litteraria et Historica desde 2011. Atualmente, sou editora-chefe. Disponível em: https://ispan.waw.pl/journals/index.php/slh/

Eu as tomo de forma envergonhada; afinal, rejeito todos os valores que as tornam eficazes. Não quero que as pessoas sejam julgadas e tratadas de acordo com seu nível de escolaridade, que é um mero efeito de privilégio. Vejo a hierarquia do prestígio profissional como mais um elemento da ideologia capitalista que diferencia as pessoas com base em categorias injustas, a fim de facilitar a exploração. A vergonha é seguida por uma pergunta ainda pior: como as pessoas que não têm esses estimuladores de ego eficazes em seus recursos biográficos e de identidade lidam com situações de humilhação social? No trabalho, aprendi que as pessoas fazem isso construindo hierarquias com o que está disponível. Nessa empresa, ter mais tempo na empresa é algo bastante útil.

No final do outono, uma semana antes de largar o emprego, estava trabalhando com Chris, Toni e Matt. Estava um dia de sol, o ambiente estava bom, estávamos nos divertindo muito. Chris (gerente de turno) e Toni (9 anos de empresa, especialista) perguntaram sobre meus planos para o futuro e reclamaram da minha saída, um claro sinal de carinho, tão raro nesta empresa. Não admira que, quando terminamos o dia, eu estava com humor excelente. Fui até o metrô com Matt. Ele estava na empresa há apenas um mês. Seu humor era totalmente diferente do meu. Ele estava abalado, com raiva e triste. Acontece que Chris o despreza, ele fala com ele rudemente, zomba dele. Eu não tinha percebido, porque Matt escondeu suas reações e fez uma cara de bravo, assim como eu fazia no início. E ainda, enquanto relembrava este dia em minha cabeça, percebi que de fato Matt havia trabalhado muito mais do que todos nós. Mas o Chris continuou-lhe atribuindo novas tarefas enquanto nós fazíamos pausas extras para conversar.

Eu me lembrava disso desde meus primeiros dias na empresa. Eu estava tensa, com medo de fazer algo errado, de parecer incompetente, então me esforcei para dar o meu melhor. Esse empenho, sendo uma aspirante, fez com que todos me tratassem como tratavam Matt agora: pior, diferente daqueles que tinham mais tempo de empresa. Conversar com Matt me fez perceber que parei de prestar atenção na discriminação assim que tive o privilégio da companhia. Tudo isso, embora ainda me

lembre de como foi terrível pensar que todos podem ver a humilhação a que estou sujeita e não reagem. Agora, os custos do meu privilégio são arcados por aqueles com menos tempo na empresa. Agora eles me perguntam se preciso de uma carona para voltar para casa. Eles não perguntam isso a Matt. Agora há espaço suficiente para mim no carro. Não há espaço para Matt. Agora eles me perguntam a que horas eu gostaria de fazer uma pausa. Matt é simplesmente informado. Agora posso escolher se quero remover arbustos selvagens ou folhas com o ancinho. Matt não tem escolha.

Para lidar com a humilhação, Matt valeu-se do seu gênero. Ao longo das cinco estações de metrô do nosso caminho de volta, Matt me esclareceu que o que Chris estava fazendo era um comportamento masculino natural: os homens lutam entre si por posição e se subordinam ao comando do mais forte, porque isso funciona no processo da... caça. Nessa zona geográfica, a caça está obsoleta há centenas de anos, exceto como um ritual da crueldade, e enquanto isso Matt está me dando um sermão sobre as estruturas sociais dos tempos dos caçadores-coletores para superar sua humilhação. Ele está tão nervoso que nem tento discutir. Em vez disso, me pergunto se devo falar com Chris. Receio, no entanto, que isso só pioraria as coisas para Matt, porque então poderia parecer uma história de fofoca, e Chris ou se vingaria nele ou o trataria com menos seriedade ainda. Se eu estiver correta, Matt está condenado à solidão. Ele deverá lutar pelo respeito de nossos colegas e pagar muitos resgates para ganhá-lo também. Demorou dois anos no meu caso, talvez por causa da minha falta de jeito ou talvez por causa do meu gênero.

Além da hierarquia entre os funcionários, existe também a mais óbvia: entre trabalhadores e patrões. Os chefes, entretanto, se esforçam muito para encobrir essa hierarquia com algumas camaradagens. Isso dificulta a revelação das verdadeiras relações de trabalho, isto é, o conflito de interesses e a exploração, entendidos não como atos de hostilidade ou abuso, mas como a própria essência do trabalho no capitalismo: nossos patrões multiplicam seus ativos privados com o trabalho feito por nossas mãos. E, no entanto, é difícil pedir um aumento ou exigir menos clientes por

dia, quando os patrões se divertem conosco na pista de boliche, organizam para nós viagens para fora da cidade, bebem cerveja conosco depois do trabalho ou conversam conosco sobre seus planos de férias. Durante uma dessas conversas, as diferenças óbvias entre nós vêm à tona: meu chefe está planejando uma viagem de três semanas ao Nepal com sua família. Eu estou indo para a costa do Báltico. Ouvindo sobre o Nepal, sinto a irritação crescer dentro de mim, mas sinto o peso da expectativa de não deixar transparecer. O que meu chefe sente quando ouve falar do Mar Báltico? Ele provavelmente costumava ir lá como estudante com seus amigos. Sinceramente, duvido que ele consiga perceber o abismo enorme entre nossos registros de classe. A falta de imaginação é um privilégio dos ricos.

Um pouco antes de sair, eu descobri o quão ricos são os nossos chefes. Meus colegas me contaram que os proprietários da empresa compraram um palácio com pomares de maçãs fora da cidade. "Compraram com o nosso suor" - esclareceu o gerente de turno. É por isso que a maioria dos meus colegas mantém uma certa distância dos chefes. Reclamam deles, zombam deles e ficam zangados com eles: seja pela organização caótica do trabalho, pelos salários que gradualmente estão baixando, pela rotatividade excessiva, por não consultar sobre as mudanças de horários com os gerentes de turno, por agendar com vários clientes num dia. Mas apenas pelas costas. Na única vez em que os chefes chamaram todo o departamento de jardinagem para uma reunião e abriram espaço para nossas falas e questionamentos sobre como tornar o trabalho mais eficaz, meus colegas fizeram silêncio igual a um túmulo.

VII. O inarticulado, o inanimado, o tabu

Eu nunca me esquecerei daquele dia. Vim para uma reunião preparada com 4 itens anotados em um caderno. Resolvi esperar até o fim, pois era nova na empresa. Presumi que outra pessoa iria trazer meus pontos à tona, porque conversamos sem parar sobre certas questões enquanto estávamos sentados perto dos canteiros de

flores. Mas na reunião, após a fala do chefe, ninguém mais falou. Então eu disse o que tinha a dizer. Meus colegas não me apoiaram. Um silenciou o chefe quando ele tentou me interromper. Mais nada. Quando terminei, o silêncio constrangedor voltou. O chefe interpretou minhas sugestões como um ataque contra ele. Com um ressentimento mal velado, ele me disse que tudo funciona perfeitamente na empresa. Então ele avisou que precisava sair. Após a reunião, perguntei aos meus colegas por que eles não falaram nada. Um deles respondeu, com os dentes cerrados: "demorou muito e não deu tempo para nós".

Para mim, isso foi um banho de água fria. Um confronto com minha idealização acadêmica da classe trabalhadora. Meu sonho de encontrar neste novo país uma comunidade corajosa de pessoas que compartilhassem a rotina diária comigo foi para o ralo. Eu pisei fora da linha e levei um tapa na cara. Eu fiz isso por ingenuidade. Por não saber as regras do jogo. Achei que meus colegas estivessem esperando apenas uma oportunidade para lutar, mas em vez disso quebrei a regra tácita, segundo a qual as reclamações incessantes, porém clandestinas estavam bem, mas não um esforço para mudar fosse o que fosse. Com esse ato de silêncio, meus colegas se aliaram ao patrão em defesa do *status quo*. Por quê? Talvez por necessidade de manter um bom ambiente de trabalho? Encobrir o conflito estrutural em vez de expô-lo, por que isso geraria uma tensão constante? Por que lutar é simplesmente cansativo e toda a nossa energia vai para o trabalho? Ou talvez eles tenham feito isso por medo de serem condenados, chamados ao escritório do chefe, perderem o emprego? Nunca consegui falar com eles sobre isso abertamente.

Uma conversa honesta sobre essa questão acabou sendo impossível. Não chamar certas coisas pelo nome era uma forma dos meus colegas lidarem com a realidade. De não ter que enfrentar o que quer que fosse difícil, doloroso e inconveniente para eles. Aquilo que lhes era incoerente. Em relação a tudo aquilo que afeta a sua autoimagem: meus colegas se consideram, sobretudo, assertivamente não-conformados. Suponho que todos nós fazemos isso. É por isso que o medo do chefe é humilhante. Esse medo não revela apenas a essência do trabalho, que é a

exploração, e para nos comprometermos com o trabalho devemos esquecê-lo pelo menos até certo ponto. Precisamos desse compromisso para poder sair da cama todas as manhãs. O medo também viola nossa identidade e dignidade.

Quando o trabalho se torna uma aposta na dignidade de um empregador e faz parte da sua identidade, a categoria de interesse é negada. Isso beneficia os empregadores tanto quanto a *performance* de camaradagem. Não estou escrevendo sobre isso porque li em algum lugar. Estou escrevendo sobre isso porque vi com meus próprios olhos. No começo eu ficava chocada. Havia duas coisas sobre as quais meus colegas nunca, mas nunca falaram: qual era o salário deles e se eram vinculados a sindicatos. Poderíamos ficar aborrecidos varrendo folhas por 8 horas, poderíamos reclamar sobre ter que trazer mais terra justamente quando o carrinho de mão quebrou, poderíamos aturar clientes inconvenientes que nos tratavam como seres humanos inferiores, poderíamos estar tremendo de frio, ficar encharcados até a roupa de baixo, molhados de suor ao realizarmos tarefas inúteis, e ainda assim fingimos que fizemos tudo isso por algum motivo que não o dinheiro. Que fizemos por paixão, pelos nossos ideais, por compromisso com a causa. Que causa? Causa de quem? Não importava. O que importava era que não se tratava da nossa própria causa, porque então seríamos gananciosos, ambiciosos, excessivamente materialistas. E o que é pior: é assim que nós nos víamos.

O *ethos* de trabalhar pela própria idealização e, com ele, as novas formas de exploração, se democratizaram tanto que agora atingem as profissões mais mal pagas e menos prestigiadas. Na prática, é um tanto absurdo. Em março passado, passei três dias seguidos cavando solo congelado no jardim particular de alguém. Não havia nem distrações visuais, pois o cliente estava começando este jardim. Eu trabalhei com pá por 21 horas. Alguém poderia fazer isso com fascínio, paixão, comprometimento? Apesar disso, dizer abertamente a um cliente ou a meus colegas de trabalho que a única coisa que me mantém colada a esta pá é a promessa de um recibo de pagamento seria uma gafe inimaginável.

A tabuização do dinheiro resulta no fato de que não sabemos quanto dinheiro os outros ganham, então não conhecemos a escala da desigualdade na empresa. Com o tempo, percebi que contar aos novos funcionários a história do meu salário por hora é uma atitude radical, porque conhecendo-o, eles podem exigir mais dos patrões sem correr o risco de serem vistos como gananciosos e depois demitidos. Com essa atitude, aprendo a reconhecer meus aliados políticos. A tabuização do assunto sindicatos, por sua vez, resulta no fato de que não sei quem na empresa é sindicalizado, e não posso pedir conselhos sobre em qual devo me associar. Isso me incomoda ainda mais porque sou uma imigrante de um país onde os primeiros sindicatos agora são frágeis e também porque o sistema sindical é diferente da Alemanha, então simplesmente eu não sei como funciona. E logo percebo que não vou descobrir isso no trabalho.

Trabalhar para se manter - trabalhar por dinheiro - é patologizado no discurso dominante do capitalismo contemporâneo. O trabalho deve ser executado para a autorrealização, o sucesso e o desenvolvimento. O dinheiro deve ser um efeito colateral do trabalho, e não seu fim. Esse modelo, transplantado das chamadas profissões criativas, típicas da classe média, foi universalizado e agora é utilizado para avaliar os funcionários das empresas onde jamais há espaço para autorrealização e desenvolvimento. Enquanto isso, como operário, você geralmente faz o que faz para sobreviver. Não significa que você odeie tudo sobre esse trabalho, que você não cria seu *ethos,* que você não faz parte de uma comunidade, que você não obtém qualquer satisfação com isso ou que não construa sua identidade em torno disso. Você faz tudo isso, mas é precisamente essa dualidade, a dupla verdade do trabalho, que constitui a essência desta forma única e extrema de exploração que é o trabalho físico (BOURDIEU, 2006). No entanto, não há linguagem para falar sobre isso, nenhum modelo de identidade que possa acomodá-lo. Estou fazendo um curso de alemão. Cada nível subsequente começa com o mesmo ritual: trabalhamos em pares, nos apresentamos à outra pessoa e, em seguida, cada pessoa apresenta o seu par à turma. Já aconteceu duas vezes comigo a mesma coisa: falei que era jardineira, mas

queria mudar de emprego porque trabalho muito e ganho pouco. Minhas palavras foram interpretadas da seguinte forma: "A Anna é jardineira, mas ela quer mudar de emprego para poder fazer algo mais criativo". Com o tempo entendi que "criatividade" é um eufemismo que denota necessidade de dinheiro, pois a palavra original foi retirada do dicionário de trabalho.

VIII. Liberdade ou uma crise de identidade

De repente, estou em uma nova classe, em um novo país, cercada por uma nova língua, em um novo emprego e com o status de uma migrante econômica. Isso provoca um caos na minha cabeça. Não sei quais orientações devo seguir para me definir. Eu nem sei como responder quando alguém me pergunta como estou. Eu dei um salto do qual eu tinha muito medo. Desde então, minha vida tem sido muito mais fácil. Ficou encolhida à dimensão da sobrevivência. Paradoxalmente, o mais difícil foi tomar a decisão de emigrar. Desde que fiz isso, as coisas estão melhorando. O fato de estar passando por esse processo, de conseguir lidar com isso, de estar lidando com os problemas da requalificação, me faz sentir forte. Se eu fiz isso uma vez, posso fazer novamente. Posso me mudar para um outro país, posso conseguir um outro emprego. Eu já sei qual é o gosto de passar por isso. Talvez da próxima vez eu tenha menos medo, talvez eu tenha um pouco mais de autoconfiança.

Eu havia planejado escrever este texto há muito tempo, mas não tinha força para começar. Antes eu escrevia o tempo todo. Essa foi a maneira que encontrei de me fazer ouvir, pois pensei que tinha algo a dizer e que a minha mensagem só ganharia legitimidade com o auxílio de uma publicação suficientemente conceituada. Então me treinei para escrever como outros treinam seus músculos na academia, enquanto meus músculos reais estavam enfraquecendo. Hoje, fico me perguntando o quanto da minha escrita é sobre a necessidade do reconhecimento. O reconhecimento vem do mesmo universo que eu critico. Por que a cultura legítima - a academia, os intelectuais, norteadores de sentidos e reprodutores do capital cultural

- ainda são meu horizonte, embora eu escreva contra eles? Por que ainda é meu ponto de referência?

Eu fiz muitas anotações para este texto, principalmente anotações de voz. Gravei no metrô, no caminho dos jardins, porque em casa eu estava cansada demais para ordenar pensamentos em frases. Mas para quem estou escrevendo? Quando eu faço isso, vejo na minha mente os rostos dos meus colegas de trabalho. Eles não iriam ler, mesmo se eu escrevesse na sua língua. Não porque eles já sabem de tudo isso (sabem mesmo), mas porque encontrar as palavras certas para os fenômenos, prendendo-os aos sentidos apropriados, não é um valor para eles. A vida deles está em outro lugar. Seu anseio, talvez também fosse por reconhecimento, tem um vetor diferente. Eu ainda não consigo mudar meu vetor, embora saiba que no final há um muro alto feito de tudo que desprezo. Na tentativa de não bater nessa parede, decidi escrever este texto do meu jeito. Para escrevê-lo sem medo de que não seja publicado por uma revista americana, e assim não terei nada para publicar no meu currículo lattes. É assim que funciona na Polônia semiperiférica. Eu saí da Polônia justamente para não ter mais medo. O medo ainda faz parte da minha vida. Tenho mais medo de ficar sem teto, de cair numa dívida financeira. Mas esse medo é muito menor do que na Polônia. Após 18 meses desde a emigração, parei de tomar antidepressivos. Fiz isso quando recebi meu seguro-desemprego.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, P. *Pascalian Meditations* (transl. into Polish by K. Wakar). Warsaw: Oficyna Naukowa, 2006, p. 268–293.

BRODKIN, K. *How Jews Became White Folks and What That Says About Race in America*. New Brunswick: Rudgers University Press, 1998.

GOLDSTEIN, E.L. *The Price of Whiteness. Jews, Race, and American Identity*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2006.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Commonwealth.* Cambridge: Harvard University Press, 2009.

HARDY, J. Reconceptualizing Precarity: Structure, Institutions and Agency. *Employee Relations*, e 3, v 39, 2017, p. 263–273.

KORYCKI, K. *Memory as Politics*: Narratives of Communism and the Shape of a Community. Toronto: TSpace Repository, University of Toronto, 2017.

KORYCKI, K. Politicized memory in Poland: anti-communism and the Holocaust. *Holocaust Studies*, v. 25 2019, p. 351–376.

OGONOWSKI, J. *Sytuacja prawna Żydów w Rzeczypospolitej Polskiej 1918-1939* [The Legal Situation of Jews in the Republic of Poland 1918-1939]. Warsaw: Jewish Historical Institute, 2012, p. 65-75.

POLKOWSKA, D. Od proletariatu do prekariatu. Ciągłość czy zmiana? Próba analizy [From the Proletariat to the Precariat. Continuity or Change? An Attempt at an Analysis]. *Prakseologia*, 2018, p. 41–67.

RUDNICKI, Sz. *Równi, ale niezupełnie* [Equal, But Not Quite]. Warsaw: Biblioteka Midrasza; 2008.

STANDING, G. *The Precariat.* The New Dangerous Class. London: Bloomsbury, 2011.

TISCHNER, J. *Etyka solidarności oraz Homo Sovieticus* [The Ethics of Solidarity and the Homo Sovieticus]. Krakow: Znak, 1992.

WARD, E. The Evolution of Identity Politics: An Interview with Eric Ward. *Tikkun*. 2018, April 4.

WRIGHT, E. Is the Precariat a Class? *Global Labour Journal*, ed. 2, v. 7, 2016, p. 123–135.

VONNEGUT, K. *Jailbird* (transl. into Polish by J. Kozak). Warsaw: Czytelnik, 1990.

ZAWADZKA, A. "Żydokomuna". Szkic do socjologicznej analizy źródeł historycznych ["Bolchevismo Judaico". Um esboço de uma análise sociológica de fontes históricas]. Societas / Communitas, 2009 (8), 199–244.

ZYSIAK, A. Stalinism and Revolution at Universities – Democratization of Higher Education From Above 1947-1956. *Studia Litteraria et Historica,* v. 8, 2019.